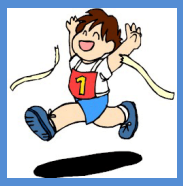
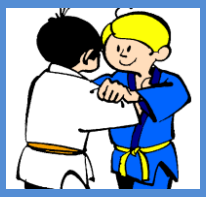
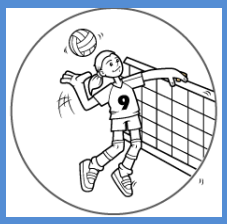
Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

2º CICLO EM ENSINO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
NOS ENSINOS BÁSICO E SECUNDÁRIO







O Papel de Coordenador do Desporto Escolar na coesão da equipa pertencente ao Clube de Desporto Escolar/Educação Física

Paula Cristina Ferreira Nóbrega Guerra

Orientadora

Professora Doutora Ágata Cristina Marques Aranha

Vila Real, 24 de fevereiro 2014

UNIVERSIDADE DE TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO

2º CICLO DE ENSINO DE EDUCAÇÃO FÍSICA NOS ENSINOS BÁSICO E SECUNDÁRIO

O Papel de Coordenador do Desporto Escolar na coesão da equipa pertencente ao Clube de Desporto Escolar/Educação Física

Autor: Paula Cristina Ferreira Nóbrega Guerra

ORIENTADORA: Professora Doutora Ágata Cristina Marques Aranha

Vila Real, 24 de fevereiro 2014

Dissertação para a obtenção do grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, ao abrigo do artigo 16.º do Decreto -Lei n.º 74/2006, de 24 de Março, com as alterações introduzidas pelos Decretos-Leis n.ºs 107/2008, de 25 de Junho, e 230/2009, de 14 de Setembro, sob a orientação da Professora Doutora Ágata Cristina Marques Aranha.

Agradecimentos

À UTAD, na pessoa do Magnífico Reitor Professor Doutor António Fontainhas Fernandes, pelos meios colocados à minha disposição.

Muitas foram as pessoas que me ajudaram de uma maneira ou de outra para que não desistisse, tendo em conta as múltiplas dificuldades que foram surgindo.

Assim, gostaria de salientar o meu agradecimento à Professora Ágata Aranha, pelos seus contributos e palavras de incentivo basilares para a conclusão deste trabalho.

Ao Professor Pedro Granja, pela amizade incondicional, pela partilha de conhecimento que tem vindo a acumular durante os anos ao Serviço do Desporto Escolar.

Ao meu irmão Luís e Judite, que a tecnologia os colocaram sempre "sentados" a meu lado de forma a não sair da "linha" durante este meu percurso.

À minha mãe, pela ternura e esforço, pelo voto de confiança, pela compreensão e orgulho que sempre demonstrou pelo meu trabalho e pelo que sou.

Ao Paulo pela sua presença, tempo dispensado, compreensão e apoio nos momentos mais difíceis.

À D. Antónia e S. Guerra, pelo carinho, amizade, e ajuda incondicional ao longo do tempo.

Aos Professores Ana Paula Silva, Isabel Coutinho, Paula Liberal, Duarte Ferreira e José Neves, pela amizade incondicional, pela partilha do conhecimento académico que têm vindo a acumular durante os anos.

A todas as pessoas aqui não mencionadas, mas que estiveram e estão sempre presentes.

O meu muito obrigada

Ao Bruno e Vítor os filhotes que entre as “guerras de almofadas” e “miminhos”, me deram forças para não baixar os braços.

Índice Geral

Índice Geral V
Índice de Quadros VI
Índice de Siglas VII
Resumo VIII
Abstrat IX
Introdução 2
Capítulo I – O Papel do Desporto no contexto escolar – evolução e definição 7
1. Da atividade física ao Desporto Escolar 8
2. Estrutura organizacional do Desporto Escolar 14
Capítulo II – O Coordenador do Desporto Escolar 19
1. Conceito 20
2. Competências atribuídas ao Coordenador Técnico do Desporto Escolar 23
Capítulo III – Crónicas de um coordenador de Desporto Escolar 29
1.Crónicas de um coordenador de Desporto Escolar 30
2. Apreciação global das atividades de Educação Física / Desporto Escolar 32
Conclusão 37
Bibliografia 41

Índice de Quadros

Quadro 1 – Número de alunos-praticantes, por sexo (2001/02 a 2004/05) 12

Quadro 2 – Níveis complementares da Estrutura organizacional do Desporto Escolar 15

Quadro 3 - Os cinco estádios de desenvolvimento do grupo 27

Quadro 4. – Atividades desenvolvidas no ano lectivo 2012-2013 32

Índice de Siglas

EF – Educação Física

CLDE – Coordenação Local do Desporto Escolar

DEC. – Decreto Lei

DESP. – Despacho

DIGIDC – Direção-Geral da Inovação e Desenvolvimento Curricular

DGE – Direção Geral da Educação

GCDE – Gabinete Coordenador do Desporto Escolar

INDESP – Instituto Nacional do Desporto

ME – Ministério da Educação

RI 13 de Vila Real – Regimento de Infantaria 13 de Vila Real

SWOT ou FOFA/PFOA – Análise das Potencialidades, Fraquezas, Oportunidades e Ameaças

UTAD – Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

Resumo

O Desporto Escolar, visando o melhor desempenho possível dos intervenientes, procura valorizar o trabalho de equipa a universalidade e equidade, a motivação, a inovação, a comunicação e credibilidade, o cumprimento e a excelência.

É aqui que o Coordenador do Desporto Escolar desempenha uma função fulcral em toda a dinâmica, a implementação e o desenvolvimento das actividades a realizar na escola.

Ao refletir sobre a sua prestação, ao ter necessidade de encontrar justificação, para as decisões tomadas, o Coordenador vai rever a sua postura perante os acontecimentos do dia a dia e procurar superar as suas dificuldades, de forma a, reformular a sua prática ajustando-a à realidade específica em que trabalha.

Todo este processamento vai permitir ao Coordenador do Desporto Escolar/professor melhorar o seu desempenho, sem nunca perder de vista o principal objetivo desta ação – o sucesso desportivo e escolar dos alunos. Não esquecendo mesmo a sua própria superação.

A capacidade de autocrítica, de pensar nos aspetos positivos e negativos da prática, é uma forma de o professor Coordenador do Desporto Escolar evoluir ao longo da sua vida profissional como ser humano onde os valores sociais, culturais não são esquecidos.

Ao ponderar sobre a sua prestação, ao ter necessidade de encontrar justificação, para as decisões tomadas, o Coordenador vai retificar os conhecimentos que possui e procurar reformular a sua prática ajustando-a à realidade específica em que se encontra, sem nunca perder de vista o principal objetivo desta ação – o sucesso escolar e superação dos nossos alunos.

Palavras-chave: Desporto Escolar, organização, Professores de Educação Física / Desporto Escolar, Coesão, Coordenação do Desporto Escolar, Reflexão

Abstrat

The practicing of Sports in School, seeking the best possible performance of actors, seeks to value teamwork universality and equity, motivation, innovation, communication and credibility, compliance and excellence.

It is here that the School Sports Coordinator plays a key role in the whole dynamic development and implementation of activities to perform in school.

Reflecting on his performance, the need to find justification for decisions taken , the Coordinator will revise its attitude towards the events of everyday life and seek to overcome their difficulties , to reformulate their practice setting to the specific situation in which it works.

This whole process will allow the School Sports Coordinator / teacher to improve their performance , without never losing sight of the main objective of this action - the sports and academic success of students . Not even forgetting his own overcoming.

The capacity for self-criticism, to think of the positive and negative aspects of the practice, is a way for the School Sports Coordinator evolve throughout his professional life as a human being where cultural social values, are not forgotten.

When pondering his performance, the need to find justification for decisions taken, the Coordinator will rectify its knowledge and seek to reformulate their practice adjusting to the specific reality that is, without ever losing sight of the main objective of this action - the academic success of our students and overcoming .

Keywords: Sports in School, organization, Physical Education Teachers / School Sports, Cohesion, Coordination School Sports reflection.

Introdução

Introdução

"Semeia-se um pensamento e colhe-se uma ação;
Semeia-se uma ação e colhe-se um hábito;
Semeia-se um hábito e colhe-se um caráter;
Semeia-se um caráter e colhe-se um destino. "
(Cromier, cit: Sousa, 2006 p.3)

Segundo Lima (1981, p.83) o fenómeno do desporto, "... é indiscutivelmente uma componente global da atividade humana e social".

Bento (1995) sublinha que o desporto se constitui como espaço, por excelência, de formação, educação e desenvolvimento da personalidade, de florescimento do eu moral e, fortalecimento de funcionalidade e expressividade do corpo.

"É sobremaneira através de uma diversidade e inovação de modalidades desportivas, não apenas ao nível do rendimento, mas também ao nível da prática recreativa que o desporto se afirma". (Rebelo, 1999, p.1)

Uma das preocupações pedagógicas e educativas da escola é de criar condições favoráveis à estimulação permanente e generalizada de atividades de ocupação de tempos livres, sendo as atividades do Desporto Escolar marcadas por grande alternância e variedade de ofertas para lançar os alicerces de uma prática ativa e duradoura do Desporto (Bento, 1997).

Segundo Sousa (2006), o Desporto escolar tem vindo a ter um papel crucial na escola como meio promotor da saúde, inclusão social, do desenvolvimento da cidadania, e agente na formação de jovens promessas no desporto de alta competição.

De acordo com Lei de Bases do Sistema Educativo:

"o desporto escolar visa especificamente a promoção da saúde e condição física, a aquisição de hábitos e condutas motoras e o entendimento do desporto como factor de cultura, estimulando sentimentos de solida-riedade, cooperação, autonomia e criatividade, devendo ser fomentada a sua gestão pelos estudantes praticantes, salvaguardando-se a orientação por profissionais qualificados".

(ponto 5 do Art. 51ºda Lei nº 49/2005, de 30 de Agosto)

Este artigo é posteriormente regulamentado através do Programa de Desporto Escolar, onde se procura valorizar o trabalho de equipa a universalidade e equidade, a motivação, a inovação, a comunicação e credibilidade, o cumprimento e a excelência, visando o melhor desempenho possível dos intervenientes (alunos e professores) no desporto escolar.

Cabe portanto às escolas cumprir o disposto no Programa do Desporto Escolar, assumindo a responsabilidade da organização do desporto escolar, garantido que no início do ano letivo estejam reunidas as condições físicas, materiais e humanas para o desenvolvimento do projeto.

Entende-se como Projeto de Desporto Escolar o desenvolvimento e participação voluntária por parte dos alunos ao longo do ano letivo em atividade interna e atividade externa.

No entanto, não chega uma boa adesão dos alunos, é necessário que a formação e desenvolvimento dos grupos/equipa para a atividade externa, sejam orientados por professores de Educação Física ou com formação técnica reconhecida. Desde o ano letivo 2004-2005 que o Programa do Desporto Escolar, já exige que qualquer professor que não seja de Educação Física, e que se proponha a ser responsável de um grupo/equipa, tenha de apresentar documentação autenticada pela federação ou associação onde se formou como treinador.

A responsabilidade da organização das atividades interna e externa é incutida ao Coordenador do Desporto Escolar, aos professores responsáveis pelos grupos/equipas,

aos professores com atividade interna, que em interação pedagógica com o grupo de disciplina de Educação Física (EF) e em articulação com a Coordenação Local do Desporto Escolar (CLDE), vão garantir a operacionalização do projeto do Desporto Escolar na escola.

Assim o Coordenador do Desporto Escolar, assume um papel primordial na "coordenação e orientação técnico-pedagógica das atividades desportivas no âmbito do programa do Desporto Escolar" (ME/GCDE/DIGIDC, p.32).

Uma reflexão sobre o papel do coordenador do desporto escolar implica ter em consideração factores de vária ordem, quer se situem no plano das grandes decisões políticas, no domínio organizacional, nos aspectos mais directamente relacionados com a operacionalização e desenvolvimento do processo, ou ao seu valor social e educativo.

É, neste contexto, que se procura compreender o papel de coordenador do Desporto Escolar na coesão da equipa pertencente ao Clube de Desporto Escolar/Educação Física

Para concretizar este objectivo, pretendemos estruturar este trabalho da seguinte maneira:

No primeiro capítulo apresentamos o papel do desporto no contexto escolar onde abordamos a evolução da actividade física ao desporto escolar, abordando a estrutura organizacional do Desporto Escolar. Expomos, ainda, neste capítulo o objectivo do nosso estudo, a delimitação do problema e as questões que orientam o trabalho.

No segundo capítulo abordamos particularmente as funções do Coordenador do Desporto Escolar, bem como a sua importância no desenvolvimento contextual do Desporto Escolar, de modo a podermos estabelecer e reconhecer a importância do coordenador na coesão da equipa de trabalho.

No terceiro capítulo relatamos as vivências do coordenador de Desporto Escolar, relativamente às suas funções e à forma estrutural do seu trabalho para a implementação, manutenção, e consolidação da coesão da equipa. Porém, não podemos esquecer de mencionar as dificuldades que durante o ano vão surgindo, as estratégias

para as ultrapassar e os seus resultados, expondo propostas a partir das quais poderemos melhorar o desempenho de coordenador.

Perante isto, os objectivos deste estudo e tendo consciência que as escolas cumprem na sua maioria o disposto no Programa do Desporto Escolar, assumindo a responsabilidade da organização do desporto escolar, garantido que no início do ano letivo estejam reunidas as condições físicas, materiais e humanas para o desenvolvimento do projecto, são:

- Qual o papel do coordenador do Desporto Escolar na coesão interna da equipa pertencente ao Desporto Escolar, em particular.

- Qual o papel do Coordenador do desporto Escolar, e dos docentes de Educação Física, em geral, na implementação das atividades associadas ao desporto escolar?

Para nos ajudar a compreender melhor o seu papel é necessário e fundamental:

- Identificar as competências atribuídas ao Coordenador do Desporto Escolar;

- Compreender quais os mecanismos que favorecem os processos de coesão interna de um grupo;

- Apurar qual o papel do Coordenador do Desporto Escolar na coesão entre a Equipa/Clube do Desporto Escolar e o Grupo de Educação Física.

- Verificar se existe coesão interna no grupo dinamizador da atividade interna e externa do Desporto Escolar;

- Identificar as estratégias utilizadas pelo coordenador ao nível da coesão do grupo dinamizador da atividade interna e externa do Desporto Escolar;

- Averiguar qual o papel do coordenador nessa coesão.

Esta define-se como sendo "a coordenação de recursos, tecnologias, processos, pessoal e contingências situacionais para uma produção e troca eficiente dos serviços desportivos." (Chelladurai, 1995, p.68).

Portanto, a génese da equipa/professores apresenta-se, logo á partida com um conjunto de elementos inatos, entre eles o temperamento, e os elementos adquiridos como o sentido da ação coletiva.

Capítulo I – O Papel do Desporto no contexto escolar – evolução e definição

1. Da atividade física ao Desporto Escolar

Segundo Meneses (1999) a escola não deve ser apenas um local de instrução, mas também um local onde se personaliza, socializa e educa, a criança e o jovem para a sociedade em que se insere.
Nesse sentido ela é entendida como uma

"[…] realidade socialmente construída pelos membros que a compõem, através de processos de interacção social e em relação com os contextos e os ambientes em que funciona" (Greenfield, 1984, cit: idem, p.104) constituindo-se como uma comunidade educativa e um lugar onde a educação se cumpre, tornando-se um "[…] centro de formação sistemática, cultural e de preparação para a convivência democrática na sociedade de adultos, contando para o seu trabalho com a colaboração de outros grupos e instituições" (García-Hoz, 1978, Cit: ibidem, p.93) e, nesse sentido, devem ser entendidas como "[…] comunidades de professores e alunos (inseridas nas comunidades locais), que proporcionem formas diversas de interacção social essenciais para a socialização […]"com "[…] capacidade e possibilidade de exercer e formular uma vontade colectiva […].(Nóbrega, 2006, p.41)

Também Patrício (1996) afirma que compete à escola ser como um "templo" de aprendizagem, autêntica, um espaço de felicidade para as crianças e jovens que nela passam uma longa e importante parte da sua vida, já que temos que ter em atenção que esta

"[…] não está situada no vazio. Pelo contrário, encontra-se imersa na sociedade. Dela recebe influências e exigências. É nela que cumpre o seu papel […]" (Santos Guerra, 2000, p.18), por outras palavras, ela tem funções e finalidades a cumprir que a distinguem das demais organizações.(Nóbrega, 2006, p.43)

É neste contexto que situamos o desenvolvimento da Atividade Desportiva ao nível da escola.

Para Rebelo (1999), escola é singularmente uma das instituições sociais capazes de chamar a si a adoção de experiências de atividades físicas e desportivas regulares, onde a Educação Física e o Desporto Escolar podem ser e são um excelente meio difusor e promotor das diversas atividades/modalidades desportivas.

Garcia (1999) acrescenta mesmo que a escola deve ir de encontro das modas, mesmo as mais efémeras, porque são elas que melhor cativam e podem contribuir para a aquisição de verdadeiros hábitos desportivos.

Por seu lado Silva (2006), afirma que é na escola e à escola que compete fazer a introdução das crianças e jovens na cultura física. Nesse sentido, a escola pode e deve incorporar a prática desportiva em actividades extracurriculares e mesmo curriculares, já que a prática desportiva constitui em si um elemento fundamental de educação.

Neste sentido, e segundo Mota (2003), o Desporto Escolar pode projetar-se numa componente importante para a transformação da própria escola, tornando-se mais ativa, mais viva, mais solidária e mais democrática.

A escola surgindo como o centro de desenvolvimento da prática desportiva educativa e o Desporto Escolar, poderá ser vista como um instrumento pedagógico sem qualquer tipo de exclusão ou segregação, (Silva 2006).

Sendo um dos objetivos do Desporto Escolar lançar os alicerces de uma prática ativa e duradoura no desporto (Bento, 1997), ele pode ser entendido como

"O conjunto de práticas lúdico-desportivas e de formação com objeto desportivo desenvolvidas como complemento curricular e ocupação dos tempos livres, num regime deliberadamente de participação e de escolha, integradas no plano de atividades da escola e coordenadas no âmbito do sistema educativo, (…) deve basear-se num sistema aberto de modalidades e de práticas desportivas que serão organizadas de modo a integrar harmoniosamente as dimensões próprias desta atividade, designadamente o ensino, o treino, a recreação e a competição".

(Decreto Lei nº 95/91, artº5º, de 26 de fevereiro).

Esta forma de ocupar o tempo livre, com toda a variedade de atividades que compõem o programa de Desporto Escolar deve processar-se à luz da preocupação de uma

qualificação humana e libertadora do tempo livre, entendido como um "espaço onde a participação prevalece sobre a excelência e a alegria se contrapõe ao stress e à ansiedade" (Sobral, 1992, p. 121).

Como atividade de complemento curricular e voluntário, vem portanto oferecer a todos os alunos, a possibilidade de praticar um desporto, que pelo facto de não terem condições socioeconómicas, morar fora da localidade onde existe um clube ou escola de formação desportiva, vê nele um passaporte para ingressar na competição desportiva, sendo o único serviço do Ministério da Educação que desenvolve atividades pedagógicas relacionadas com a motricidade humana e organiza atividades interescolas com caráter sistemático, em todo o país (Capucha, 2006).

Esta importância que progressivamente o desporto vem adquirindo na educação, é reforçado pelas instituições europeias (parlamento Europeu) quando no seu relatório de 2007 afirma:

"o interesse legítimo da União Europeia pelo desporto, em particular pelos seus aspetos sociais e culturais, bem como pelos valores sociais e educativos que veicula, como a autodisciplina, a superação das limitações pessoais, a solidariedade, a sã competição, o respeito do adversário, a integração social e o combate a quaisquer formas de discriminação, o espírito de equipa, a tolerância e o fair-play". (Vieira 2008, p.18)

Na verdade o Desporto Escolar encerra, em si, conteúdos e objetivos próprios tão específicos como:

"os da promoção da saúde para um desenvolvimento e crescimento harmonioso equilibrado, através da prevenção de comportamentos desajustados, integração social, respeitam pelas regras, pelos outros e por si próprio, de superação, compreensão e aceitação dos outros, em suma para o desenvolvimento de um conceito de cidadania". (Freitas, 2002, p.2)

Segundo um estudo de Silva (2006) reforça a ideia de é necessário considerar essencial a determinação das estratégias desportivas, para que posteriormente se equacionem quais os esforços, que o Estado deve empreender para suprir as necessidades dos cidadãos em matéria de desporto.

O que nos leva por sua vez ao estudo elaborado por Pina (1995), onde verificou a existência de várias referências na legislação portuguesa, sobre o Desporto Escolar, salientando o Dec. Lei nº 150/86 de 18 de Julho, onde se extinguem os Serviços de Coordenação de Educação Física e Desporto Escolar.

Numa tentativa de dinamização desportiva o Movimento Associativo, então criado, a Direção Geral dos desportos chamou a si três grandes projetos: os Clubes de Jovens, as Férias Desportivas e os Torneios Abertos, por exemplo (Torneios Interassociações de Futebol, anuais, com participantes federados e em representação das a Seleções Distritais). No entanto para participar nestes torneios os alunos praticantes tinham que estar inscritos na federação. Logo eram torneios seletivos e não universais. Como consequência estavam vedados à participação dos alunos/praticantes escolares).

Embora este Movimento Associativo fosse coordenado pela Direcção Geral dos Desportos, nunca consegui envolver por completo a escola, ficando então a verificar-se a existência de dois sistemas o Desportivo e o Educativo.

Também no mesmo estudo efectuado por Pina (1995) foi observado que é na Lei nº 46/86 de 14 de Outubro, Lei de Bases do Sistema Educativo, que se veio estabelecer uma nova orientação para o Desporto Escolar em Portugal. A comprovar poderemos ler no artigo 6, *"O Desporto Escolar titula organização própria no âmbito do Sistema Desportivo e subordina-se aos quadros específicos do Sistema Educativo"*.

Pelo Desp. Nº 4/ME/88 de 24 de Maio e mais tarde reformulado pelo Desp. Nº157/ME/88, foi criado um grupo de trabalho cujo objectivo principal foi elaborar um Projeto de Dec.Lei para o Desporto Escolar, que em dezembro de 1989 o apresenta. Posteriormente é publicado em 30 de maio o Desp. Nº 87ME/89, que veio criar, em regime de experiência pedagógica, o Gabinete Coordenador do Desporto Escolar, ficando dependente do Director Geral do Ensino Básico e Secundário e do Director Geral dos Desportos.

No entanto, a regulamentação da Educação Física e o Desporto Escolar foi feita com a publicação do Dec.Lei nº 95/91 de 26 de Fevereiro (na sequência do desenvolvimento do artº. 59 al. m) da Lei de Bases do Sistema Educativo.

Com a evolução um pouco atribulada do Desporto Escolar, poucos foram os estudos levados a cabo pelas entidades competentes. Segundo Sousa (2006) os poucos existentes eram fundamentalmente estudos estatísticos sobre o Associativismo Desportivo entre (1996-2003), e sobre a Caracterização da Prática Desportiva Juvenil Federada entre (1998-2004). Apesar de tudo os estudos anteriormente referidos vieram facilitar e possibilitar a diversas análises sobre o processo de desenvolvimento desportivo nas escolas, fundamentalmente ao nível da evolução de praticantes, quer de uma forma geral quer por modalidade. Possibilitou ainda constatar qual a modalidade mais praticada nas escolas, em função do número de praticantes e qual o sistema de ensino onde havia maior participação (privado ou público).

Assim segundo publicação de Sousa e Magalhães (2006) é de salientar que o número de alunos-praticantes, 119 389 no ano 2001/02 e após ter descido para 90 355, no ano 2002/03, em 2004/05 aumentaram para 110 021 alunos-praticantes, conforme se pode verificar no seguinte quadro.

Quadro 1 – Número de alunos-praticantes, por sexo (2001/02 a 2004/05)

SEXO	2001/02	2002/03	2003/04	2004/05
Masculinos	47 223	25 200	44 004	44 894
Femininos	28 214	16 635	26 658	26 863
Misto	43 952	48 520	29 118	38 264
TOTAL	119 389 1	90 355	99 780	110 021

Fonte: Desporto Escolar- Um Retrato (Sousa, 2006 p.15)

O número de alunos-praticantes, por modalidade, por seu turno, das 42 modalidades colocadas ao dispor dos alunos, são apenas 10 modalidades as mais praticadas, o que apenas representam 84% do total dos alunos-praticantes do Desporto Escolar. O Futsal e o Voleibol, encontram-se com um valor de 40% do total da média dos praticantes, ao longo dos quatro anos considerados.

No que respeita por seu lado o número de estabelecimentos de ensino com Clubes de Desporto Escolar, existe no ensino público uma maior participação por parte dos alunos, do que no ensino privado. O fato de haver uma maior disponibilidade de instalações

desportivas faça haver a possibilidade da existência de um maior número de alunos afetos à prática desportiva.

Num outro estudo realizado por Magalhães (2006), encontramos exemplos de possíveis "boas práticas". Do mesmo estudo, no entanto, que de uma maneira geral, sobressai, como grande obstáculo à implementação do Desporto Escolar, a incapacidade de ultrapassar algumas dificuldades reais, como as limitações espaço-temporais, relacionadas com a oferta e a procura, para o desenvolvimento das atividades desportivas.

Pina (1997) vai mais longe quando refere se é verdade que as transformações sociais e políticas têm sido, muitas vezes, determinantes para o avanço ou retrocesso do desporto escolar, também não deixa de ser menos verdade que o desporto escolar transporta um quadro cultural que deve ser considerado, respeitado e projetado no futuro.

O querer pelo coordenador, que a equipa seja a equipa enquanto pensada e querida, enquanto sancionada e informada por um ideal comum, pode levar ao favorecimento do contrário pelas tendências internas predominantes no princípio das tendências pessoais (egoísmo, ambição; etc.), tendências sociais em forma de sociabilização interpessoal (camaradagem, amizade) ou mesmo a forma de sociabilidade colectiva (espírito comunitário, espírito cooperativo), e tendências, ou por fim, ideais impessoais.

As normas socioculturais e socioeconómicas produzem efeitos psicológicos nas pessoas. O facto de pertencer a uma equipa obriga, necessariamente, a desenvolver modelos de conduta, pela assimilação de símbolos e conceitos de uma certa comunicação, e a troca de meio implica a manifestação dos vários estados emocionais,

De facto, cada escola impõe as suas condições, atribuindo-lhes um valor e um significado. Cada professor que chega, traz consigo os seus próprios modelos, e do choque entre eles provêem muitas vezes múltiplos e variados conflitos. Portanto, a rigidez das estruturas pode ser uma das causas das contradições internas da equipa. Fatores estes que terão que estar sempre cada vez mais presentes em cada professor que assuma o papel da coordenação.

2. Estrutura organizacional do Desporto Escolar

Nóbrega (2006), afirma que a sociedade actual é uma sociedade de organizações, das mais simples, às mais complexas, de cujo desempenho depende, cada vez mais, o seu funcionamento.

O que origina, segundo o mesmo autor, uma diferenciação de funções entre os atores, (haver divisão de tarefas) e a coordenação racional e intencionalidade (só se atingem os objetivos se houver intencionalidade e coordenação de esforços).

Falar sobre o desporto escolar implica, ter em consideração fatores ligados às grandes decisões políticas, como a operacionalização e desenvolvimento do processo, ou ao seu valor social e educativo, Pina (1995).

Ao longo dos tempos e segundo o mesmo autor, foram pelo menos cinco Ministros da Educação e dois Secretários de Estado que assumiram, responsabilidades de tutelar este complexo processo que é o Desporto Escolar, o que faz com que encontremos várias referências na legislação portuguesa, desde a Lei de Bases do Sistema Educativo até à Lei de Bases do Sistema Desportivo.

Pina (1995), consegue reduzir em poucas palavras todo um complexo modelo organizacional, funcional e estrutural em que se envolve o Desporto Escolar.

É a partir da criação do grupo de trabalho, destinado a elaborar, o projeto de Dec. Lei em 1988, sobre a Educação Física e o Desporto Escolar que surge o denominado Gabinete Coordenador do Desporto Escolar (GCDE).

A dinâmica imprimida pelo GCDE veio, posteriormente, a ser interrompida com a sua extinção em Julho de 1992. Nesta altura, o DE passa a integrar as diferentes estruturas do Sistema Educativo. Inicia-se, então outro ciclo que se pode traduzir numa vontade política expressa no sentido de valorizar e apostar no Desporto Escolar.

No entanto, a resolução dos problemas concretos de natureza orgânica, funcional, estrutural e organizacional foi passando por incoerências, contradições, avanços, recuos, e por influências e sobrevalorização de interesses pessoais em detrimento do processo.

"É uma fase de novos grupos de trabalho, da "Task Force", "da quase Federação do Desporto Escolar e que culmina num indesejado "115" - que trespassa, a baixo preço, o desporto escolar

novamente para o INDESP (Dec. Lei nº 115/95, de 29 de Maio, alterando a orgânica do INDESP e atribuindo-lhe competências em matéria de DE). Tudo se encaminhava para se repetir, uma vez mais, a história - a ciclicidade dos poderes em matéria de Desporto Escolar" (Pina, 1995; p. 18).

Tal facto, nunca permitiu que este processo se consolidasse, em definitivo, e, naturalmente, não se construiu um modelo organizacional estável, enraizado nas escolas e assumido pelos respetivos órgãos de gestão, defendido pelos professores que lhe deram corpo, participado pelos alunos e reconhecido pelos diferentes poderes políticos instituídos (ibidem).

Contudo, o Desporto Escolar, vai ditando cartas, e já em 2012 através do Decreto-Lei nº139/2012, são criadas condições para que haja um alargamento gradual da oferta de atividades físicas e desportivas, nas escolas. Ao mesmo tempo, continuam a ser colocadas e criadas estruturas de apoio às escolas para que tudo decorra com a maior normalidade possível como é demonstrado no quadro seguinte:

Quadro 2 – Níveis complementares da Estrutura organizacional do Desporto Escolar

Coordenação Nacional do DE - 1 ⬇ Coordenadores Nacionais de Modalidade	Direção-Geral da Educação
Coordenação Regional do DE - 5 ⬇ Coordenações locais do DE - 24 ⬇ Professores de apoio	Direção-Geral da Estabelecimentos escolares
Clube do DE - X ⬇ Direção do Clube do DE ⬇ Coordenador Técnico do CDE ⬇ Responsável Grupo-Equipa	Agrupamento de Escolas e Escolas Não Agrupadas

Fonte : programa DE 2013-2017

Para melhor compreendermos a estrutura do Desporto Escolar compete saber:

- Coordenação Nacional do Desporto Escolar: Promover, planear, orientar promover e avaliar os diversos programas, projetos e atividades do Desporto Escolar. Promover e apoiar a realização de ações de formação para os professores e alunos. Colaborar na definição das competências e orientações curriculares e pedagógicas da Educação Física e Desporto Escolar. Assegurar a articulação entre o Desporto Escolar e o Desporto Federado.

- Coordenação Nacional das Modalidades: como estrutura consultiva, compete à Coordenação Nacional das Modalidades assessorar e propor à Coordenação Nacional do Desporto Escolar, sugestões e pareceres sobre assuntos relativos à promoção e desenvolvimento das modalidades desportivas.

- Coordenação Regional do Desporto Escolar: De acordo com a Portaria n.º29/2013 de 29 de janeiro compete à Direção- Geral dos Estabelecimentos Escolares "assegurar a implementação a nível regional dos diversos programas, projetos e atividades do Desporto Escolar, em articulação com a DGE."

No Programa do Desporto Escolar, designam-se por Coordenação Regional, as unidades organizacionais da Direção-Geral dos Estabelecimentos Escolares com atribuições específicas no Desporto Escolar.

- Coordenação Local do Desporto Escolar: são estruturas de proximidade tendo por atribuições:

Elaborar o plano anual de atividades (âmbito local);

Dinamizar as suas atividades em articulação com a Coordenação Regional do Desporto Escolar e as atividades nacionais em articulação com a Coordenação Nacional do Desporto Escolar;

Promover as ações de formação para os alunos intervenientes no Desporto Escolar;

Analisar e dar parecer sobre os Projetos dos Clubes do Desporto Escolar em articulação com a Coordenação Regional do Desporto Escolar;

Supervisionar as atividades dos Clubes do Desporto Escolar;

Apresentar o relatório anual do plano de atividades.

Professores de Apoio às Modalidades: que em função do conhecimento específico das modalidades que representam, colaboram com as Coordenação Regional do Desporto Escolar no cumprimento do respetivo plano de atividades.

Clube do Desporto Escolar: a unidade organizacional do agrupamento de escolas ou escolas não agrupadas responsável pelo desenvolvimento e execução do Programa do Desporto Escolar.

Responsável do grupo-equipa os docentes responsáveis pelos grupos-equipa, compete: Elaborar o plano técnico anual, promover ações de recrutamento de praticantes e de divulgação da modalidade; Realizar as sessões de treino, Atualizar as fichas de presença e a base de dados; Acompanhar e preparar as competições, jogos e atividades; Realizar ações de formação para os alunos com funções de juízes/árbitros, em articulação com o Coordenador Técnico do Clube do Desporto Escolar; Elaborar o relatório de atividades, que deverá incluir a avaliação qualitativa referente ao desempenho e assiduidade dos alunos.

Coordenador Técnico do Clube do Desporto Escolar: designado pelo director do Clube do Desporto Escolar e docente de Educação Física que sempre que solicitado, participa como convidado no Conselho Pedagógico de modo a promover a dinamização da atividade desportiva em meio escolar, podendo ainda designar um ou mais adjuntos do Coordenador Técnico, no caso dos Agrupamentos de Escolas que tenham sob sua alçada mais do que uma escola básica e secundária.

É responsável por planear e supervisionar a preparação, desenvolvimento e monitorização de todas as atividades previstas no projeto do desporto escolar, competindo-lhe em particular:

Elaborar o plano anual de atividades do Clube do Desporto Escolar;

Organizar atividades que promovam a melhoria da condição física da população escolar;

Realizar ações de formação para os alunos com funções de juízes/árbitros;

Elaborar o Dossier do Clube Desporto Escolar; Acompanhar as competições, preencher os relatórios e atualizar os resultados; Implementar projetos e ações no âmbito da promoção dos estilos de vida saudáveis;

Dinamizar a atividade interna (Nível I);

Produzir e apresentar o relatório anual de atividades.

Capítulo II – O Coordenador do Desporto Escolar

1. Conceito

É, com esta complexidade que o Desporto Escolar tem procurado desenvolver-se e estruturar-se.

O Desporto Escolar tem de ser, segundo Pina (1997) um espaço para todos os alunos, privilegiando e fomentando hábitos interdisciplinaridade e aglutinadores de vontades, um instrumento pedagógico, um fator de progresso e um indicador do futuro. Local em torno do qual se pode accionar a vida associativa, num ambiente educativo e sempre em consonância com os grandes princípios do espirito desportivo.

Garcia (2005) refere ainda que os valores do Desporto Escolar devem ir de encontro à criatividade, irreverência e poder de iniciativa das crianças, indo sempre ao encontro dos objetivos estabelecidos para o mesmo. Defendendo portanto que, este

"deverá ser uma prática essencialmente competitiva, possibilitando a todos os jovens a vivência de uma prática cultural que repousa numa sólida ética, buscando a transcendência humana por meio de práticas físicas" (Garcia 2005, p.4).

É uma tarefa que deverá passar pela dinamização na Escola e da implementação de uma dinâmica associativa da mesma onde os Professores podem ser os agentes ativos da mesma.

"Não existem escolas uniformes no que respeita à organização do Desporto Escolar. As características e as condições reais de cada escola devem, determinar uma organização própria." (Soares, 1997, p.37).

Nesse sentido o Desporto Escolar

"…sendo um instrumento do Sistema Educativo, deverá funcionar e ser assumido pelos Órgãos de Direção e Gestão dos estabelecimentos de Educação e Ensino, como um Projeto de escola, integrado no Projeto Educativo e Plano Anual de Atividades, aprovados em Conselho Pedagógico. " (programa DE 2004-2005, p.9)

Para que a prática desportiva adquira um caráter realmente educativo, não basta organizar, financiar e colocar em funcionamento e regular o dispositivo que permite a realização de práticas desportivas na escola. Teixeira (2007)

É necessário antes de mais adotar medidas essenciais, como assegurar que os professores responsáveis por esta prática tenham a devida formação, capacidades e atitudes necessárias para realizarem uma verdadeira tarefa formativa. (Teixeira 2007, p.48)

O acesso à prática desportiva regular de qualidade que segundo o (prog. DE 2013-17), pretende contribuir para a promoção do sucesso escolar dos alunos, dos estilos de vida saudáveis, de valores e princípios associados a uma cidadania ativa, fazendo com que se coloque em jogo potencialidades físicas e psicológicas, que contribuem para o desenvolvimento saudáveis, competências sociais e valores morais, de entre os quais se destacam: Responsabilidade; Espírito de equipa; Disciplina; Tolerância; Perseverança; Humanismo; Verdade; Respeito; Solidariedade; Dedicação; Coragem.

Podendo assim, melhorar a oferta desportiva; estimular a procura do Desporto Escolar; Qualificar a atividade do Desporto Escolar não esquecendo a consolidação da gestão do Desporto Escolar.

Assim sendo, em conformidade, e de acordo com os dispositivos legais, cabe aos Órgãos de Direção e Gestão das escolas coordenar, acompanhar, apoiar e avaliar o desenvolvimento do Projeto de Desporto Escolar da respetiva escola.

O Órgão de Gestão, normalmente delega no professor Coordenador do Desporto Escolar, a coordenação da atividade interna e externa. É a este último dada a responsabilidade da elaboração, em articulação com o Coordenador do Departamento ou Delegado de grupo e restantes professores de Educação Física, de uma planificação anual devidamente calendarizada de um conjunto de atividades que deverão decorrer ao longo do ano, atividade interna, que deverá ser integrada no Plano Anual de Atividades da Escola, desde o início do ano letivo.

Em complementaridade surge a atividade externa, que organizada pela Coordenação Local do Desporto Escolar, é coordenada na escola pelo Coordenador do Desporto Escolar, que em interação pedagógica, com os professores responsáveis pelos

grupos/equipas, dão cumprimento aos regulamentos geral e específicos das modalidades.

Os grupos-equipa são por sua vez organizados por escalão/género ou num escalão único e participam em competições interescolas: campeonatos locais, campeonatos regionais, campeonatos nacionais e campeonatos internacionais (Programa DE 2013-2017)

No Desporto Escolar, como em qualquer organização, a gestão dos recursos humanos é um fator decisivo no desenvolvimento e melhoria da qualidade da atividade desportiva.

Chelladurai (1995, p.68) define gestão no desporto como sendo "a coordenação de recursos, tecnologias, processos, pessoal e contingências situacionais para uma produção e troca eficiente dos serviços desportivos."

De acordo com esta definição,

"a gestão abrange a noção de coordenação que implica uma execução apropriada das funções tradicionais da gestão: planeamento, organização, liderança e avaliação, possuir competências administrativas necessárias e representar funções administrativas." (Teixeira 2007, p.118)

Corroboramos com o mesmo autor quando este realça o papel essencial dos Coordenadores do Desporto Escolar e dos Professores de Educação Física na implementação das atividades inerentes ao Desporto Escolar, pois são eles os grandes responsáveis pela dinâmica e desenvolvimento organizacional de todas as atividades desportivas da escola (Teixeira 2007).

Mas cabe essencialmente ao Coordenador o papel de liderança, ser o elo de ligação: informar, organizar, delegar funções, orientar o grupo responsável pelos grupos - equipa, e da atividade interna.

2. Competências atribuídas ao Coordenador Técnico do Desporto Escolar

Desde à muito que se pretende que o Coordenador do Desporto Escolar desempenhe um papel de orientação, coordenação, que estabeleça uma coesão entre o grupo.

Em articulação com os professores responsáveis pelas actividades do mesmo, será o garante da operacionalização do Projecto do Desporto Escolar da Escola, sendo da sua competência conforme consta no programa do DE de 2002-2003:

1) Incentivar o desenvolvimento de um quadro de actividades recreativas e formativas que estimule os alunos a aderirem de uma forma voluntária e de acordo com as orientações dos Departamentos envolvidos no Projecto (Educação Física e/ou outros) e dos Órgãos de Direcção, Gestão e Orientação Pedagógica da escola;

2) Fomentar a participação dos alunos na gestão do Núcleo de Desporto Escolar, intervindo no desenvolvimento, organização e avaliação das respectivas actividades;

3) Coordenar a organização do corta-mato interno, torneios inter-turmas, inter-escolas, em articulação com os Professores de Educação Física e Professores Responsáveis das actividades do Núcleo de Desporto Escolar, bem como coordenar a organização decursos de juízes, árbitros e cronometristas ou outra formação prevista no Plano de Actividade Interna;

4) Promover a realização de actividades que assumam características interdisciplinares tais como, seminários e conferências, visitas de estudo, programas de ocupação de tempos livres nos períodos de interrupção lectiva, incluindo actividades físicas e convívios desportivos entre escolas;

5) Promover reuniões periódicas com os professores responsáveis pelas actividades do Núcleo de Desporto Escolar (interna e externa), no mínimo, uma em cada período lectivo;

6) Elaborar, cumprir e fazer cumprir o Projecto do Desporto Escolar, bem como apresentar os seguintes relatórios:

• *1.º período* - até 31 de Dezembro de 2002, relativo às actividades internas e externas desenvolvidas neste período lectivo;

• *2.º período* - até 1 de Abril de 2003, relativo às actividades internas e externas desenvolvidas neste período lectivo, contendo sugestões de alteração a este Programa e aos Regulamentos Gerais e Específicos de Provas do próximo ano;

• *Anual* - até 28 de Junho de 2003, Relatório Final de todas as actividades desenvolvidas pela Escola, no âmbito do Programa do Desporto Escolar.

7) Organizar e manter, obrigatoriamente, o *Dossier do Núcleo de Desporto Escolar* actualizado, do qual fazem parte, entre outros documentos, as Fichas de: Resumo de Actividade Mensal; Presenças dos Alunos nos treinos dos respectivos Grupos/Equipa; Plano Anual de cada Grupo/Equipa e Relatório de cada Actividade Interna;

8) Coordenar a organização dos campeonatos, encontros ou exibições/convívios que se realizem na sua escola;

9) Coordenar e fazer os contactos necessários para o transporte dos Grupos/Equipa;

10) Enviar, nos prazos estipulados, toda a documentação necessária (Boletins de Jogo ,Relatórios, Fichas, etc.);

11) Garantir, em articulação com o Órgão de Direcção e Gestão, a substituição de qualquer professor responsável pelos Grupos/Equipa, em caso de impedimento, por motivo de força maior.

Na sequência das diferentes alterações produzidas nos projectos do DE é de realçar a forma como o papel do coordenador nos aparece, bem como as suas competências aquando se analisa o plasmado no documento para o quadriénio 2013-2017.

Assim o coordenador é responsável por planear e supervisionar a preparação, desenvolvimento e monitorização de todas as atividades previstas no projeto do desporto escolar, competindo-lhe em particular:

a) Elaborar o plano anual de atividades do Clube do Desporto Escolar;

b) Organizar atividades que promovam a melhoria da condição física da população escolar;

c) Realizar ações de formação para os alunos com funções de juízes/árbitros;

d) Elaborar o Dossier do Clube Desporto Escolar;

e) Acompanhar as competições, preencher os relatórios e atualizar os resultados;

f) Implementar projetos e ações no âmbito da promoção dos estilos de vida saudáveis;

g) Dinamizar a atividade interna (Nível I);

h) Produzir e apresentar o relatório anual de atividades.

Numa primeira análise dá para concluirmos que ao longo dos últimos dez anos as funções bem como o desempenho do Coordenador do DE pouco ou nada mudou podendo mesmo afirmar que fizeram-se somente alterações de redacção dos projectos.

Assim podemos dizer que o Coordenador ao longo dos tempos tem como função desempenhar indiscutivelmente na escola o elo de ligação e união dentro do grupo onde está inserido, onde a relação coesão/sucesso é uma tarefa complexa mas que quando alcançada, os resultados positivos surgem no decorrer das actividade.

Falar de um grupo de pessoas (docentes e não docentes) que se associam, para atingir um objetivo, e para cuja consecução estão dependentes uns dos outros, sabendo que cada um é uma parte desse grupo, não é fácil.

Zander (1982) e Shaw (1981), reforçam a ideia de que a proximidade, a diferença, a semelhança, o estabelecimento de objetivos de grupo e recompensas são fatores importantes para o desenvolvimento do grupo.

Assim, Zander (1982) aponta, o *grupo* como sendo um interagente de indivíduos que interagem e dependem uns dos outros.

Mas um conjunto de pessoas não é um grupo, se os seus membros estão, em primeiro lugar, interessados nas realizações individuais não se preocupando com as atividades dos outros membros e vêm os mesmos como rivais.

Podemos ilustrar melhor o conceito de grupo corroborando quando Carron (1980), afirma que no grupo deve-se desenvolver o sentimento do "nós" e reduzir a importância de "eu".

É o coordenador o principal e primeiro elemento do grupo do desporto escolar responsável por estabelecer essa coesão do grupo e pelo bom funcionamento do mesmo - o "nós".

De acordo com Rossum & Murphy (1994) o desenvolvimento do grupo e a construção de uma verdadeira equipa de trabalho passa por cinco estágios, a saber: i) *Formação "Forming*; ii) *Conflito "Storming"; iii) Normalização "Norming"; iv) Desempenho "Performing" e v) Suspensão "Adjourning"*

Quadro 3 - Os cinco estádios de desenvolvimento do grupo

DESENVOLVIMENTO DO GRUPO				CONSTRUÇÃO DA EQUIPA	
Estádio	Comportamento orientado	Comportamento socio-emocional	Clima de grupo	Orientação da tarefa	Relação mútua
1 *Formação "Forming"*	Orientação	Dependência	Consciência de...	Envolvimento	Aceitação
2. Conflito "Storming"	Resistência	Hostilidade	Conflito	Clareza	Sentimento de pertença ao grupo
3.Normalização ("Norming")	Comunicação	Coesão	Cooperação	Implicação na tarefa	Ajuda mútua
4. Desempenho "Performing"	Resolução dos problemas	Dependência mútua	Produção	Sinergia	Orgulho
5. Suspensão "Adjourning"	Fim	Fim das obrigações no grupo	Dispersão	Apreciação e reconhecimento	Satisfação

Fonte: Rossum & Murphy, 1994, p.13

No âmbito da dinâmica do grupo encontramos o conceito de coesão e consequente aplicação prática.

Carron (1988), define coesão de grupo como sendo um processo dinâmico que se expressa na tendência de um grupo querer permanecer unido para atingir o objetivo do grupo, representando a força da ligação entre os membros dos grupos, implicando o apagamento das "*Estrelas*" para prevalecer a "*Galáxia*", que é o grupo.

O mesmo autor identifica alguns efeitos da coesão do grupo, como a m*elhoria da execução das tarefas*, incluindo um esforço maior para atingir os objetivos colocados pelo grupo;

- *Estabilidade no grupo*, onde se subsiste um aumento de confiança e lealdade, menos absentismo, e uma maior resistência às divisões dentro do grupo.

- *Melhoria da interação e comunicação*, dentro do grupo;

- A*umento da diluição*, de cada um através da avaliação positiva excessiva dos resultados atingidos por alguém dentro do grupo, dos seus processos, e daqueles que pertencem a outros grupos que são avaliados excessivamente de um ponto de vista negativo.

Para além dos efeitos nomeados ao nível do grupo não deve ser esquecido que a coesão de grupo para o membro individual conduz a uma maior satisfação no que respeita às atividades orientadas e a uma organização da estrutura do grupo mais estável.

Que a realização das atividades de forma organizada e planeada com antecedência por parte do grupo no sentido de com êxito, tem sido possível a coesão.

Neste sentido, é igualmente importante para essa coesão os diálogos mantidos com todos os elementos do grupo de Educação Física com o objetivo de não prejudicar o bom desenrolar da atividade externa, interna e letiva.

Este último aspeto traz mais clareza acerca da função de cada um e de todos membros, conduzindo a uma calma e a um espaço onde se poderá trabalhar na tarefa mais importante, na organização (Widmeyer, Brawley, Carron,1992) e a partir daí a dinamização da atividade interna e externa do Desporto Escolar.

"modelo aberto, democrático e participativo, com a atividade interna em continuidade da Educação Física, promovida pelo respetivo departamento ou grupo…"(programa DE 2009-2013, p.3).

A coesão deve ser vista portanto como um processo dinâmico no qual todos os intervenientes devem estar constantemente a trabalhar para a obter e conservar.

Estão assim reunidas as condições necessárias para a existência de um trabalho cooperativo e interdisciplinar.

Capítulo III – Crónicas de um coordenador de Desporto Escolar

1.Crónicas de um coordenador de Desporto Escolar

"Tentar e falhar, pelo menos, é aprender. Falhar por não tentar é sofrer a perda inestimável daquilo que podia ter sido."

(Chester Barmard)

Do ponto de vista do programa do Desporto Escolar de 2013-2017 "o Desporto Escolar constitui uma das vertentes de atuação do Ministério da Educação e Ciência com maior transversalidade no sistema educativo, desenvolvendo atividades desportivas de complemento curricular, intra e interescolares, dirigidas aos agrupamentos de escolas e escolas não agrupadas."

É no início do ano lectivo que o coordenador, realiza um autodiagnóstico da sua actividade como docente que vai desempenhar funções de Coordenador do Desporto escolar, servindo este como orientação para o delinear de toda a acção ao longo do ano. No entanto, nunca este poderá ser estanque, devendo ajustar-se ao longo do ano de modo que a sua linha de orientação vá ao encontro das necessidades.

Desenvolver prioridades como coordenador do Desporto Escolar, tendo em vista os objetivos do Projeto do Desporto Escolar, do Plano Anual de Atividades do Grupo de Educação Física é sem dúvida o ponto fulcral de todo este cargo, de modo a garantir a coesão de grupo.

No ano lectivo de 2012-2013, foram atribuídos à escola onde desenvolvemos o projecto do Desporto Escolar, 27 créditos horários, o que correspondem à existência de 9 grupos, cada um com três horas letivas.

Na reunião no início do ano, e em reunião de Grupo, preparamos o ano desportivo, escolhendo o melhor horário para os treinos, tendo em conta os tempos livres dos alunos e professores e instalações desportivas, fazendo um esboço de uma planificação para os primeiros tempos de treino onde a divulgação das modalidades a proporcionar aos alunos é deveras importante.

Numa segunda fase em articulação com os restantes docentes de Educação Física, com os Órgãos de Gestão e estruturas do Ministério da Educação promovendo consequentemente a articulação entre o Projeto Educativo, Plano de Atividades da Escola e o Projeto de Desporto Escolar, acertam-se as pontas no que respeita à planificação anual, confirmando as datas, e horários dos torneios Inter turmas e a confirmação da participação em projectos especiais como por exemplo o corta-mato escolar, o megasprinter, o compal air.

A atualização nas áreas científicas, pedagógicas e didáticas, como processo para reconhecer, promover o sucesso desportivo e escolar dos alunos, o seu desenvolvimento integral, os seus diferentes saberes e culturas, colaborando para a sua inclusão no meio escolar, é uma mais valia na planificação cuidadosa das atividades em grupo.

Há por isso a criação, articulação, desenvolvimento de um quadro de atividades desportivas e formativas ao longo do ano, tendo sempre em conta a realidade existente, de modo que estimulem os alunos a aderirem de forma voluntária.

Foi nas reuniões de grupo realizadas, ao longo do ano, que a articulação e coesão se estabeleceu e consolidou entre os Professores de Educação Física e Professores responsáveis das atividades do Clube de Desporto Escolar e consequentemente com o Coordenador do Desporto Escolar. Condição de sucesso no desenvolvimento ativo da adequação dos objetivos definidos para a realização das atividades e avaliação das mesmas.

Por outro lado, foi fundamental manter sempre actualizados com informações vindas da CLDE de Vila Real os membros do Órgão de Gestão do Agrupamento, Diretores de Turma e colegas de grupo, de modo que a partilha de experiências, material didático, delineação de estratégias exista sempre com o objectivo de minimizar ou colmatar as dificuldades diagnosticadas nos alunos, visando sempre o sucesso desportivo e escolar.

O Coordenador para atingir os objetivos e metas desportivas da escola no âmbito das atividades exercidas, fez com que a realização das mesmas assumissem caraterísticas interdisciplinares, não colocando de lado as atividades e convívios desportivos na escola e entre escolas tendo no final que apresentar evidências sobre o seu desempenho e respetiva apreciação das atividades.

2. Apreciação global das atividades de Educação Física / Desporto Escolar

Quadro 4. – Atividades desenvolvidas no ano lectivo 2012-2013

Nº	Nome da atividade		
1	Corta-Mato		Atletismo
2	Dia ou Semana de Educação Física e Desporto/Modalidade(s)		Atletismo Estafetas
3	Dia ou Semana de Educação Física e Desporto/Modalidade(s)		Atletismo Lançamento de Peso
5	Mega	Sprinter	Atletismo Intra
4	Mega	Salto	Atletismo Intra
6	Mega	KM	Atletismo Intra
7	Formação: Alunos-Árbitros		Basquetebol
8	Formação: Alunos-Árbitros		Futsal Infantil A Masc
9	Formação: Alunos-Árbitros		Futsal Infantil B Masc
10	Formação: Alunos-Árbitros		Futsal Infantil B Fem
11	Formação: Alunos-Árbitros		Futsal Iniciados Masc
12	Formação: Alunos-Árbitros		Futsal Juvenil Masc
13	Formação: Alunos-Árbitros		Natação
14	Formação: Alunos-Árbitros		Ténis de Mesa
15	Formação: Alunos-Árbitros		Boccia
16	Campeonatos/torneios Inter-Turmas		Basquetebol 5º ano
17	Campeonatos/torneios Inter-Turmas		Futsal 6ºano
18	Campeonato Inter-Turmas		Voleibol 3ºciclo
19	Campeonato Inter-Turmas		Ténis de Mesa 2º e 3ºciclo
20	Campeonato Inter-Turmas		Futsal 5º Ano
21	Campeonatos/torneios Inter-Turmas		Basquetebol 6º ano
22	Campeonatos/torneios Inter-Turmas		Basquetebol 3º Ciclo
23	Campeonatos/torneios Inter-Turmas		Futsal 3º Ciclo
24	Campeonatos/torneios Inter-Turmas		Voleibol 5º ano
25	Corta-Mato Fase CLDE		Atletismo
26	Mega Sprinter		Atletismo megaSprinter
27	Torneios Moche		Futsal
28	Torneios 1º-2º ciclo		Futsal 1º ciclo
29	Torneios Moche		Futsal
30	Volei Recreio em Movimento 21/05/2013		Gira Voleibol 2º e 3ºciclos
31	Basquetebol Recreio em Movimento		Basquetebol-Academias 2º e 3º ciclos
32	**Andebol Recreio em Movimento**		Andebol 5ºano
33	**Kempo-.Karaté Recreio em Movimento**		Kempo-Karaté
34	**Dança Recreio em Movimento**		Danças Académicas
35	**Atletismo Corrida Solidária**		Atletismo
36	Para Alunos Portadores de Deficiência Dia do Boccia		Boccia
37	**Natação Regionais**		Natação
38	**Andebol**		Andebol
Resumo da actividade	Toda a informação foi remetida através de ficha própria para o CLDE de Vila Real ao qual o Agrupamento pertence		

Fonte: Relatório Final do Projeto do Desporto Escolar 2012-2013

Elaborar, cumprir e fazer cumprir o Projecto do Desporto Escolar, bem como apresentar aos órgãos de Gestão os Relatórios solicitados são preocupações para organizar e manter actualizado, obrigatoriamente, o *Dossier do Clube de Desporto Escolar*, do qual fazem parte, entre outros documentos, as Fichas de Resumo de Actividade Mensal, de Presenças dos Alunos nos treinos dos respectivos Grupos/Equipa, Plano Anual de cada Grupo/Equipa e Relatório de cada acção realizada no âmbito da Actividade Interna, é ao longo do ano planificado individualmente e em grupo de forma adequada, integrando com qualidade, coerência e criatividade as actividades, estratégias, recursos e tipos de avaliação das aprendizagens indo sempre de encontro às necessidades dos alunos.

Na sequência do quadro apresentado podemos constatar que das 25 atividades propostas no início do ano letivo todas foram concretizadas. Para além das propostas o grupo ao longo do ano concretizou mais 13. Estas atividades são consideradas não previstas no plano de atividade devido aos diferentes condicionalismos para a realização das mesmas, logo a sua planificação não pode ser feita no início do ano lectivo. O grupo trabalhou de forma coesa e organizada considerando que se realizou um bom trabalho no sentido de uma Escola Desportiva de Excelência.

Houve sempre por parte dos alunos uma grande adesão às diferentes atividades propostas (5221 participações / alunos / ano) mostrando interesse, entusiasmo, espírito desportivo e empenho saudável.

É de realçar o empenho dos alunos do 3º ciclo nas arbitragens e ajuda nas atividades. Foram homenageados na cerimónia de final do ano com certificados.

Temos de referir a disponibilidade de toda a Comunidade Educativa: professores da escola, encarregados de educação, funcionários de ação educativa, assim como algumas entidades locais nomeadamente Câmara Municipal – Piscinas Municipais, Ginásio Clube de Vila Real, UTAD-Opção de Voleibol, Opção de Academias, Opção de Andebol, RI13 de Vila Real, Clube de Ténis de mesa, Associação de Andebol de Vila Real e Ginásio Fun Gym, Viveiro Sonhos Verdes de Vila Real, para a concretização com sucesso das actividades constantes no Projeto Anual de Atividades.

Todas as nossas atividades foram divulgadas através da página da Escola em suporte informático e áudio visual divulgação dos links do Desporto escolar, jornal da escola, e jornal "A Voz de Trás-os-Montes".

Quando se aborda o ponto de ética e deontologia associados ao cargo, é importante determinar o valor das consequências das decisões assumidas e no compromisso com o grupo de pares e com a escola, realizando as diversas diligências para que seja possível o cumprimento do regulamento do Projecto do Desporto Escolar no que se refere aos quadros competitivos, e actividade interna, coordenando e fazendo os contactos necessários para o transporte dos Grupos/Equipa; enviando, à Coordenação Local Desporto Escolar, nos prazos estipulados, toda a documentação necessária (Boletins de Jogo, Relatórios, Fichas, etc.).

O grupo de Educação Física notou alguma dificuldade em articular os treinos do Desporto Escolar com as aulas de apoio e salas de estudo que funcionavam por vezes em simultâneo.

Participamos em todos os jogos do Quadro Competitivo. Pelo facto de os alunos não conseguirem estar presentes, após convocatória dos professores responsáveis pelos grupos equipas não conseguimos evitar ter faltas administrativas.

É de salientar que embora com todos os percalços existentes o trabalho efectuado por todos os intervenientes fez com que bons resultados fossem alcançados pelos grupos/equipas. Assim, no Futsal 3 equipas alcançaram o 1º lugar e fossem 6 alunos selecionados para os Regionais de Natação.

De referir que as atividades apresentadas contaram com a colaboração do núcleo de estágio o qual teve uma boa integração no Grupo de Educação Física, tendo participado e colaborado voluntariamente em todas as atividades organizadas com profissionalismo e empenho. Colaboram também nos encontros do Boccia para o Quadro Competitivo do mesmo.

Podemos assim concluir que entre muitas das funções que o Coordenador do Desporto Escolar teve que desempenhar ao longo do ano foi a coordenação, organização dos

campeonatos, encontros ou exibições/convívios que se realizaram na escola, no âmbito das Atividades Externa e Interna que ocuparam maior parte do seu tempo.

Garantindo, em articulação com o Órgão de Direção e Gestão, a substituição de qualquer professor responsável pelos Grupos/Equipa, em caso de impedimento por motivo de força maior.

É de salientar o acompanhando que de forma consciente se tem feito às imensas mudanças que se têm vindo a observar nos jovens de hoje, de modo a saber lidar com eles e proporcionar-lhes um bom ambiente desportivo durante as actividades que decorreram na escola.

O fato de não nos podermos esquecer que para o bom desenvolvimento e funcionamento do Projeto do Desporto Escolar, devemos ter sempre em conta os horários escolares, a planificação da disciplina de educação Física, planificação das actividade Interna, a criação dos grupos/equipas e seus horários, divulgação da planificação de toda a actividade interna, operacionalização e controlo de toda a actividade, interna e externa, avaliação/ balanço de todas as actividades desenvolvidas, faz com que os alunos consigam atingir um grau de satisfação pessoal e do grupo em que está inserido.

Conclusão

Conclusão

Como é sabido o ambiente escolar fornece ao investigador situações em que os rendimentos são avaliados inerentemente, levando ao estudo das teorias de ociosidade social, sendo este um bom campo para obter aspetos validos e relevantes do rendimento do grupo.

Obviamente, muitas das facetas das interacções sociais, tratadas requerem o desenvolvimento de medidas mais válidas e credíveis, como a medição efetiva de desejo pelo sucesso do grupo e o nível de envolvimento pessoal numa tarefa particular.

Sob o aspecto sócio económico apraz, também, reforçar o que já atrás foi mencionado. Este é um dos poucos projetos, na vida escolar dos jovens, capaz de agregar uma simultaneidade de premissas inerentes ao desenvolvimento cognitivo, psicomotor e social essenciais ao desenvolvimento completo do jovem dos nossos dias. Pelo facto de ser gratuito, estar inserido no horário letivo, evitando assim deslocações, é no DE que milhares dos nossos jovens vêm realizados os seus sonhos, enquanto praticantes da inúmeras modalidades que lhes é possível escolher. Este é também um projeto que pelas suas características pode ser um incentivo à fixação das pessoas em zonas rurais, combatendo assim a desertificação que tantos problemas traz à tutela.

"*A coesão efeta o rendimento?"* Depreende-se dos estudos realizados ser necessário clarificar se a relação causa-efeito opera direta ou indiretamente, através de variáveis mediadoras. Não é ainda claro que haja uma relação de um para um. Onde pode estar o problema: na escolha da estratégia, que pode não ter sido bem escolhida ou na sua execução?

Parece que pode haver algum progresso na resolução deste problema se os investigadores da relação coesão-rendimento considerarem as complexidades dos processos de grupo que afetam ambas as variáveis.

Através dos poucos estudos efectuados sobre a coesão e o comportamento da motivação dentro do grupo motivado, na maioria dos casos, a motivação através da coesão manifestou-se em membros individuais do grupo. Existe assim a hipótese da variável de grupo-coesão, provocar um comportamento motivado no grupo como um todo.

Esta relação hipotética seria mais forte entre os aspectos da coesão de um grupo orientado, e os vários aspectos do comportamento total do grupo, do qual se infere a motivação de grupo.

Estudos feitos na área da motivação de grupo, Ball e Carron (1976), Gosset & Widmeyer (1981) vieram mostrar que um maior esforço para atingir objectivos de um grupo estava associado à presença da coesão de grupo. Mas há outras variáveis como: *a persistência da equipa*; *o envolvimento em situações de resolução de problemas face a obstáculos que se colocam aos objectivos; o perseguir objectivos sem questionar; a tenacidade do grupo e as sanções do grupo face a comportamentos não conformes ou inaceitáveis de um membro individual.*

Nada é perfeito, e por vezes surgem-nos imprevistos que poderão colocar em perigo todo um trabalho. É necessário evitar ou mesmo reduzir no futuro o insucesso no uso da teoria ou alguma espécie de estrutura pivot para a condução da investigação, ignorar a natureza dinâmica da coesão, uma focalização quase exclusiva na investigação de desportos de equipa por oposição a outros tipos de atividades de grupo.

Não é pois de estranhar que ao longo da História da Humanidade vejamos constantemente esta temática ser alvo de estudo e do aparecimento de várias dissertações académicas. Uma série de filósofos e pedagogos, contemporâneos, entre os quais destacamos Bassedow, Kant, Pestalozzi e Amorós. Foram adeptos de uma pedagogia da ilustração e do racionalismo precursor da educação física.

Se a definição conceptual da coesão por Carron (1982) for tomada em consideração em investigações futuras, mais estudos devem considerar o aspecto do "*processo dinâmico*" deste fenómeno. A maior parte da investigação da coesão, até agora, tem sido chamada "fotográfica ou instantânea", visto que, tal como uma simples fotografia apenas pontos específicos no tempo foram capturados e onde algo foi revelado, relativo a jogos específicos ou pontos razonais específicos. Contudo, como os processos de grupo podem mudar, no decurso de uma época, daí as alterações na natureza da coesão ao longo do tempo.

Feita análise SWOT ou Análise FOFA ou PFOA (Potencialidades, Fraquezas, Oportunidades e Ameaças), pela direcção de Serviços de projectos educativos, (prog. DE 2013-2017), verificou-se que apesar dos esforços por parte dos professores ligados ao desporto escolar ainda se denotam falhas, no que respeita à situação demográfica e acessibilidade, no contexto social, no sedentarismo, na conjuntura económica e subvalorização da actividade física e desportiva.

No entanto, o Desporto Escolar é para os alunos, visto como um meio de reconhecimento, onde a oferta de desportos é grande e gratuita, a ocupação dos tempos livres para além das atividades curriculares é de mais fácil acesso e com o alargamento da escolaridade obrigatória vai permitir a continuidade na participação no Desporto Escolar.

Por seu lado, após análise interna verificou-se que o Desporto Escolar constituiu uma ferramenta indiscutível, como impulsionador de valores fundamentais para a formação do carácter dos jovens que estudam nas nossas escolas.

Nesta perspectiva Garcia (1999) acrescenta mesmo que a Escola deve também ir ao encontro das *modas*, mesmo as mais efémeras, porque são elas que melhor cativam a juventude, podendo contribuir de forma significativa para a aquisição de verdadeiros hábitos desportivos.

Da experiência estudada podemos aferir que todas as modalidades tiveram uma frequência acima da média e não fosse a questão de articulação dos horários dos alunos o público alvo seria muito mais vasto.

Neste sentido gostaríamos deixar aqui a nossa preocupação para a forma em como em algumas escolas o Desporto Escolar é visto, nomeadamente o que concerne quer aos créditos horários, quer nos dias e horários consagrados para o desenvolvimento deste projeto.

Iríamos, mesmo, mais longe ao afirmar que quando era destinado uma tarde por semana para execução do projeto o número de alunos a usufruir, era mais elevado bem como a persecução das atividades de maior facilidade de gestão. E se porventura, ainda, subsiste

a ideia de que esta estrutura poderia prejudicar as restantes disciplinas do quadro curricular, podemos afirmar que este "tempo desportivo" era também uma forma de ganhar tempo para o desenvolvimento de outras atividades inerentes a vida escolar, nomeadamente reuniões de departamentos, grupos disciplinares e até em alguns casos conselhos de turma intercalares.

Outro problema que podemos constatar é o que diz respeito à horas atribuídas ao Coordenador do Desporto Escolar, que hoje pela nova estruturar curricular vê este tempo inserido na sua componente não letiva. Na nossa opinião, tendo em conta tudo que foi aqui demonstrado, com ênfase para a função de gestão do Coordenador, enquanto principal elemento catalisador das atividades da escola, bem como principal garante da implementação do Projeto no terreno, o número de horas atribuídas deveria ser maior e para além de ocupar as horas da componente não letiva, enquanto docente, deveria, ver o seu trabalho incluído no seu horário letivo.

Assim, a Escola, não pode desvalorizar o Desporto Escolar como um dos seus processos educativos fundamentais, já que, representa um fato de grande importância na vida social da população mais jovem.

"Agir, eis a inteligência verdadeira. Serei o que quiser. Mas tenho que querer o que for. O êxito está em ter êxito, e não em ter condições de êxito. Condições de palácio tem qualquer terra larga, mas onde estará o palácio se não o fizerem ali?"

(Fernando Pessoa)

Bibliografia

Bibliografia

AFONSO, N. (2005). *Investigação naturalista em Educação*. Porto: Edições Asa.

AMADO, J. (2009). *Investigação em Educação e seus paradigmas*. Aveiro: Universidade de Aveiro.

ANSHEL, M. (1990). *Sport Psychology: From Theory to Practice* (2ª ed.) Gorsuch Scarisbrick, Publishers, 302-319.

ARGYLE, M. (1988). *Bodily communication* (2ª ed.). London: Methuen.

BALL, J.R., & **CARRON**, A.V. (1976). The influence of team cohesion and participation motivation upon performance success in intercollegiate ice hockey. *Canadian Journal of Applied Sport Sciences,1*, 271-275.

BAKEMAN, R., & **HELMREICH**, R. (1975). Cohesiveness and performance: Covariation and causality in undersea environment. *Journal of Experimental Social Psychology,11*, 178-489.

BASSEY, M. (1999). *Case study research educational settings*. Buckinghan: Open University Press.

BENTO, J. (1995). *O outro Lado do Desporto. Campo das Letras* - Editores SA, Porto.

BENTO, J. O. (1997). *O desporto como elemento de renovação da Escola à luz da problemática da «integração».* In: Ill Congresso da AEPEC - *Formar professores para a Escola Cultural no Horizonte dos anos 2000*. Porto Editora, pp. 189-201.

BRAWLEY, L. R., **CARRON**, A. V., & **WIDMEYER**, W.N. (1987). Assessing the cohesion of teams: Validity of the Group Environment Questionnaire. *Journal of Sport Psychology, 9*, 275-294.

BRAWLEY, L.R., CARRON, A. V., & **WIDMEYER**, W.N. (1988). Exploring the relationship between cohesion and group resistence to disruption. *Journal of Sport and Exercise Psychology.10*, 199-213.

BRAWLEY, L. (1990). Group Cohesion: Status, Problems and Future Directions, *International Journal of Sport Psychology, 21*, 355-379

BRAWLEY, L.R.; **CARRON**, A.V.; **WIDMEYER**, W.N., (1993). The Influence of group and its Cohesiveness on Perceptions of groups goal-related variables. In Rejeski,W. Jack (Ed.) (1993). *Journal of Sport & Exercise Psychology* (Vol. 15, Nº3, 09/93) Human Kinetics Publishers, Inc 245-260

BRAWLEY, L.R.; **CARRON**, A.V.; **WIDMEYER**, W.N.; & **SPINK**, K.S., (1993-1994) A decade of research with the G.E.Q.: Theory, Instrument development and correlates of Cohesion. In Rejeski, W. Jack (Ed.) *Symposium NASPSPA conference Abstracts/94. Journal of Sport & Exercise* Psycholoy *16*, Suplement/94) Human Kinetics Publishers, Inc, 57-59.

BURGOON, J.K., **BULLER**, D., & **WOODALL**, G. (1990). *The unspoken dialogue* (2ª ed.). Englewood Cliffs, NJ: Pretice-Hall.

CARRON, A.V.,& **BALL**, J.R.(1977).Cause-effect characteristics of cohesiveness and participation motivation in intercollegiate hockey. *International Review of Sport Sociology, 12*, 49-60.

CARRON, A.V., **BALL**, J.R. & **CHELLADURAI,** P. (1977). Motivation for participation, sucess in performance and their relationship to individual and group satisfaction. *Journal and Motor Skills, 45,* 835-841.

CARRON, A.V.,(1978). Role behavior and coach-athete interaction. *International Review of Sport Sociology, 13*, 51-65.

CARRON, A.V., & **CHELLADURAI**, P. (1979). Cohesiveness as a factor in sport performance. *International Review of Sport Sociology, 16*, 21-41

CARRON, A.V.(1980). *SocialPsychology of Sport.* Ithaca,NY: Mouvement.

CARRON, A.V. (1981). Processes of Group Interaction in Sport Teams. *Quest, 33*, 245-270.

CARRON, A.V., & **CHELLADURAI**, P. (1981).The dynamics of cohesion in sport. *Journal of Sport Psychology, 3*, 123-139.

CARRON, A.V., & **CHELLADURAI**, P. (1981). Cohesion as a factor in sport performance. *International Review of Sport Sociology, 16*, 21-41.

CARRON, A.V.(1982).Cohesiveness in Sport Groups: Interpretations and Considerations. *Journal of Sport Psychology,* Nº 21, *4*, 123-128, 355-379.

CARRON, A.V., (1984a) *Motivation: Implications for coaching and teaching.* London, Ontario: Sport Dynamics

CARRON, A. (1988). *Group dynamics in sport: Theoretical and pratical issues.* London, Ontario: Spordym Publishers.

CHELLADURAI, P. (1995). *Gestão do Desporto: Definir a Área.* In: *Revista Ludens* – Vol. 15, n.º4 Out.-Dez., pp. 64-71

FREITAS, F. (2002*). Desporto Escolar. Conceptualização e Contextualização no âmbito do sistema educativo e do sistema desportivo.* In: *A página da educação,* Vol. XI, 110,

FREIRE, J. (2010). *Desporto Escolar-Uma possível estratégia no combate ao Insucesso Escolar. Estudo de Caso.* Dissertação com vista a obtenção de Mestre em Ensino de Educação Física e Desporto nos Ensinos Básico e Secundário. Vila Real-UTAD

GABINETE COORDENADOR DO DESPORTO ESCOLAR /DIGDC (2002-2003*). Programa do 2º e 3ºciclos do Ensino Básico e secundário*. Editorial do Ministério da Educação.

GABINETE COORDENADOR DO DESPORTO ESCOLAR /DIGDC (2004-2005*). Programa do 2º e 3ºciclos do Ensino Básico e secundário*. Editorial do Ministério da Educação.

GABINETE COORDENADOR DO DESPORTO ESCOLAR/DIGDC, (2009-2013). *Programa do Desporto Escolar.* Editorial do Ministério da Educação.

GABINETE COORDENADOR DO DESPORTO ESCOLAR/DIGDC, (2013-17). *Programa do Desporto Escolar.* Editorial do Ministério da Educação.

DECRETO-LEI n.º 49/2005, 30 de Agosto de 2005. *Lei de Bases do Sistema Educativo*. **DECRETO-LEI** n.º 95/91 de 26 de Fevereiro - *Regime Jurídico da Educação Física e do Desporto Escolar*

DECRETO-LEI n.º 115/95 de 29 de Maio – Recoloca o Desporto Escolar no sistema federado, com a criaçã do Gabinete de Apoio ao Desporto Escolar

DECRETO-LEI *nº165/96, de 5 de Setembro* rectificado nos termos da Declaração de Rectificação nº 35/91, de 27 de Março, publicada no DR, I-A, suplemento de 30.03.1991 e DL 74/2004.

DECRETO-LEI nº 139/2012 regula o alargamento de actividades físicas e desportivas nas escolas

DESPACHO nº 4/ME/88 de 24 de Maio, Projeto de Dec.Lei para o Desporto Escolar

DESPACHO. Nº 87ME/89, de 30 de dezembro

DESPACHO. Nº157/ME/88, Projeto de Dec.Lei para o Desporto Escolar

GARCIA, R. (1999). Da desportização à somatização da sociedade. In J. Bentos, R. Garcia e A. Graça Contextos de Pedagógia do Desporto, Lisboa, Livros Horizonte pp. 113-163

GARCIA, R. (2005). *Políticas educativas e sociais no desporto.* In: Atas do Congresso do desporto – Um compromisso nacional. Porto.

GOSSETT, D., & **WIDMEYER**, W. N. (1981, May). *Improving Cohesion's prediction of performance outcome in sport.* Paper presented at the Annual Meeting of the North American Society for the Psychology of Sport and Physical Activity, Monterey, CA.

GREENFIELD, T.(1988) – *The decline and fall of sience in educational administration.* In: **Culture and power in educational organizations.** Adam Westoby. Milton Keynes, Open University, p. 115-141.

LIMA, T. (1981). *O desporto está nas suas mãos.* Lisboa. Horizonte de Cultura Física.

MATOS & **GRAÇA** (1988). *Desporto Saúde Bem Estar.* Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física (pp 311-317).

NÓBREGA, P., (1996). *Coesão um conceito multidimensional teoria e investigação,* Seminário não publicado, Lamego, Instituto Politécnico Viseu -ESE-Pólo Lamego

NÓBREGA, L., (2006) *Estruturas Organizacionais de Escola e (Re)Organização Curricular* ***As Imagens e as Práticas dos Actores Educativos.*** Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade Portucalense – Infante D. Henrique, para obtenção do grau de Mestre em Educação na especialidade de Administração e Planificação da Educação Universidade Portucalense–Infante D. Henrique

PATRÍCIO, M. (1996). *Formar professores para a escola cultural no horizonte dos anos 2000. In:* Atas do III Congresso da AEPEC - Associação da Educação Pruridimensional e da Escola Cultural. Porto: Porto Editora.

PATRÍCIO, M. (1987)– A promoção do Sucesso Educativo ou o Sentido da Reforma. In: M.E.– **Documentos preparatórios − I / Comissão de Reforma do Sistema Educativo**. Lisboa: M.E./C.R.S.E, p. 143−164.

PINA, M. (1995). Desporto Escolar: O Núcleo/ Clube Escolar, génese do modelo organizativo do futuro. *Revista Horizonte*, Vol. XI, nº65, Dossier.

PINA, M. (1997). *"Estrutura e dinâmica do desporto escolar – levantamento e análise da situação em Portugal de 1990 a 1995. Do modelo à prospectiva".* Dissertação Apresentada com vista à obtenção do Grau de Mestre em Gestão da Formação Desportiva. Universidade técnica de Lisboa, Faculdade de Motricidade Humana.

PINTO, M., (2003),*Modelos de prática do desporto escolar reflectidos nos documentos orientadores oficiais e nas concepções dos professores.* ***- Um estudo realizado no CAE-Braga*** Dissertação apresentada com vista a obtenção do grau de Mestre em Ciência do Desporto, na área de especialização em Desporto para Crianças e Jovens. U**niversidade do Porto Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física**

RELATÓRIO DO PARLAMENTO EUROPEU - *sobre o papel do desporto na educação (*2007/2086 (INI)). Acedido a 16 de Junho de 2007, em: http://www.europarl.europa.eu/sides/getDoc.do?pubRef=//EP//NONSGML+REPORT+A6-2007-0415+0+DOC+PDF+V0//PT

REBELO, A. (1999). *Motivos e causas do sucesso no desporto escolar - Estudo no âmbito das escolas eb2/3 do concelho do Porto,* dissertação com vista a obtenção de Mestre em Ciências do Desporto na Àrea de Recreação e Lazer. Universidade do Porto,FCDEF.

ROSSUM, J. & **MURPHY**, P. (1994). *The sporting group: A Love-Hate Relationship between Cohesion and Performance.* In: Technical Review, Internacional Volley Tech, Technical Review (4/94 December) 12-25.

SHAW, M. (1981). *Group dynamics: The Psychology of small group behavior* (3rd.ed.). New York: McGraw-Hill.

SOARES, J. (1997). *Desporto Escolar – Organização e perspectivas futuras.* Edição O DESPORTO Madeira.

SOBRAL, F. (1991). *Desporto escolar e desporto federado: Um falso dilema. Horizonte, 7(41),* 155-158.

SOBRAL, F. (1996). *Consequências psicológicas do desporto escolar: Uma óptica exterior à psicologia.* In J. F. Cruz (Ed.), Manual de Psicologia do Desporto (pp. 389-409). Braga: Sistemas Humanos e Organizacionais.

SOUSA, J.; **MAGALHÃES**, J. (2006) *Desporto Escolar um Retrato.* Lisboa: Editorial do Ministério da Educação.

TEIXEIRA, A. (2007) *O Desporto Escolar: Estudo dos serviços prestados nas escolas básicas do 2º e 3º ciclos do concelho de Gondomar. Porto: FDUP*

VIEIRA, I. (2008) *Percepção dos professores do desporto escolar sobre os atributos do serviço e factores de satisfação e insatisfação,* Dissertação apresentada com vista à obtenção do grau de Mestre em Educação Física e Desporto, Universidade da Madeira, Departamento de Educação Física e Desporto

WIDMEYER, W., **BRAWLEY**, L., & **CARRON**, A. (1985). *The measurement of cohesion in sport in sport teams: The Group Environment Questionnaire.* London, Ontario: Sport Dynamics.

WIDMEYER, W.; **BRAWLEY**, & **CARRON**, A. (1992). *Group dynamics in sport.* In T. Horne (Ed.), Advances in sport psychology. Champaign, IL: Human Kinetics.

ZANDER, A. (1982). *Making group effective.* San Francisco, CA: Jossey-Bass.